



Jonathas de Andrade @ Alexander and Bonin - Nova York - EUA - 2015. Photos: Joerg Lohse

PARA ALÉM DO APLICATIVO

análise de “Sorry We Missed You” e a uberização do trabalho

DOI: <https://doi.org/10.35699/2965-6931.2024.54293>

CIBELLE RODRIGUES*

JULLYA DE FARIA PEREIRA **

DIMITRI TOLEDO***

RESUMO: Ao analisar as condições de trabalho dos motoristas de aplicativo, tornam-se evidentes os desafios impostos pela uberização, que representa uma abordagem específica de explorar e gerenciar os trabalhadores por meio dos avanços tecnológicos. A partir do filme “Sorry We Missed You” (2019), este artigo realiza uma reflexão acerca desse fenômeno. Metodologicamente, utilizou-se a análise filmica, que permite estabelecer conexões entre bibliografia e filme. Objetiva-se não apenas evidenciar, mas compreender os impactos sociais, econômicos e psicológicos da uberização, contribuindo para uma reflexão abrangente sobre as dinâmicas do capitalismo atual. Os resultados apresentaram que a uberização do trabalho vai além da utilização das novas tecnologias, transformando a vida social dos indivíduos, contribuindo para o desequilíbrio psíquico dos trabalhadores, maximizando a exploração ao impor jornadas extensas e impactando a dinâmica familiar ao reduzir o tempo disponível, além de ganhar força com a pétreia ilusão da busca por autonomia e do empreendedorismo de si.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho; uberização; precarização; análise filmica.

Beyond the app: analysis of “Sorry We Missed You” and the
uberization of work

ABSTRACT: When analyzing the working conditions of app drivers, the challenges imposed by uberization, which represents a specific approach to exploiting and managing workers through technological advances, become evident. Based on the movie “Sorry We Missed You” (2019), this article reflects on this phenomenon. Methodologically, we used film analysis, which allows us to establish connections between bibliography and film. The aim is not only to highlight but also to understand the social, economic and psychological impacts of uberization, contributing to a comprehensive reflection on the dynamics of current capitalism. The results show that the uberization of work goes beyond the use of new technologies, transforming the social life of individuals, contributing to the psychological imbalance of workers, maximizing exploitation by imposing long working hours and impacting on family dynamics by reducing the time available, as well as gaining strength with the stony illusion of the search for autonomy and self-entrepreneurship..

KEYWORDS: : work; uberization; precariousness; film analysis

* Universidade Federal de Alfenas

** Universidade Federal de Alfenas

*** Universidade Federal de Alfenas

Introdução

O trabalho aqui é percebido como categoria ontológica e por isso se torna um elemento importante de constituição social dos indivíduos. Além de fornecer significado à vida e contribuir para a construção da identidade, desempenha um papel crucial no equilíbrio psíquico, servindo como uma maneira pela qual os seres humanos se envolvem com o mundo ao seu redor (Marx; Engels, 1946).

A noção de trabalho e sua divisão, anteriormente, era fundamentada na importância do valor de uso e das necessidades humanas como reguladoras da vida. Todavia, o capital inverteu essa lógica e estabeleceu uma nova hierarquia da divisão social do trabalho, centrada na busca incessante pelo lucro. Isso resultou na integração de elementos como alienação, a separação entre o trabalhador e o seu trabalho e a imposição de condições objetivas sobre o trabalhador, exercidas como um poder separado, que aos poucos se torna invisível, que os domina, personificado pelo capital como um valor egoísta (Antunes, 2009; Franco; Ferraz, 2019).

Essa transformação nas relações de trabalho impactou diretamente a composição da classe trabalhadora. E o entendimento de tal classe foi se ampliando à medida que as relações de trabalho dentro do novo sistema se estabeleceram. A classe trabalhadora, conforme Antunes (2009), passou então a incluir todos que vendem sua força de trabalho em troca de salário, abrangendo também os trabalhadores improdutivos, os trabalhadores precarizados, os subproletariados, terceirizados, informais e desempregados.

Fenômenos como a globalização e o crescimento do neoliberalismo desencadearam uma reestruturação financeira que também impactou profundamente o mundo do trabalho (Lagoa, 2019). Com isso, vieram à tona diferentes formas de organização do trabalho, tais como subcontratações, salários flexíveis, trabalho parcial, entre outras. Essas mudanças têm conduzido a uma maior precarização do trabalho, alimentando o crescimento da informalidade e da terceirização (Alves, 2009). Dentro desse contexto de precarização e informalidade, emerge o fenômeno da uberização do trabalho, que não só reconfigura a concepção da jornada de trabalho, como também maximiza a flexibilização e a competitividade, impactando tanto a saúde física quanto a mental da classe trabalhadora, entre outros aspectos importantes (Rosa *et al.*, 2021).

Este artigo propõe uma análise do fenômeno da uberização, explorando seus impactos sociais, econômicos e psicológicos, por meio de uma análise do filme “Sorry We Missed You”, dirigido por Ken Loach em 2019. Loach é reconhecido por seu enfoque cinematográfico nos trabalhadores britânicos, centrado na descrição das condições de vida da classe operária em um estilo naturalista.

Em uma matéria do The New York Times, Catsoulis (2024, n.p) destaca que, desde as peças de televisão do diretor nos anos 1960, ele já demonstrava um olhar atento para as classes marginalizadas, o que ela chama de “defesa obstinada dos lutadores e retardatários da sociedade”. Segundo Catsoulis, Loach respondeu à crise na Grã-Bretanha do pós-guerra “com um foco implacável na solidariedade da classe trabalhadora”. Ele abordou a questão dos direitos trabalhistas em “Riff-Raff” (1991) e o desemprego em “Raining Stones” (1993).

Já o longa “Sorry We Missed You” trata da exploração dos trabalhadores e narra a história de uma família afetada pela crise financeira de 2008, enfrentando dívidas significativas. O pai assume um trabalho como motorista de entregas autônomo, enquanto a mãe trabalha como cuidadora, ambos submetidos a jornadas extenuantes de trabalho. O filme examina as ramificações das novas formas de trabalho no contexto familiar, justificando assim sua escolha como objeto de estudo.

Nesse caso, o presente artigo pretende debruçar, antes de tudo, sobre as conceções do conceito de trabalho, seguido de uma discussão sobre as transformações contemporâneas, especificando o fenômeno da uberização do trabalho. Por último, será feita uma análise minuciosa do filme, desmembrando-o em cenas essenciais para examiná-las à luz do arcabouço teórico previamente estabelecido.

Concepções sobre o trabalho

Enquanto elemento de natureza ontológica (Alves, 2007; Lukács, 2013), o trabalho contribui para a formação do indivíduo como ser social e para a estruturação da sociedade (Marx; Engels, 1946). O trabalho, na concepção marxista, não só distingue os seres humanos dos demais animais, mas também permite que o indivíduo se expresse, reproduza e interaja com a natureza (Franco; Ferraz, 2019).

Nessa mesma perspectiva, Lukács (2013) argumenta que o trabalho representa uma inter-relação entre o ser humano (sociedade) e a natureza, evidenciando a transição do indivíduo de um mero ser biológico para um ser social. Para ele, o trabalho marca essa transformação fundamental no homem que atua. Dessa forma, o trabalho pode ser caracterizado como uma atividade que transforma tanto a natureza quanto o ser humano. Lima *et al.*, (2012, p. 327) complementa afirmando que todo “trabalho requer, em maior ou menor grau, dependendo da natureza do trabalho, a mobilização dos saberes do trabalhador, sendo impossível dissociar o trabalho da subjetividade do trabalhador.”

Sendo este, um processo interativo essencial para atender às necessidades humanas e para o desenvolvimento do indivíduo, conforme apresentado por Marx (2013) e Lukács (2013). Logo, o trabalho exerce um papel de centralidade na vida humana, influenciando tanto a dimensão econômica, como também os aspectos sociais e psicológicos dos indivíduos (Antunes, 2009).

Contudo, em decorrência das transformações ocorridas no mundo do trabalho no modelo econômico atual, o sentido do trabalho passou por alterações significativas. De acordo com Antunes (2009), no capitalismo, o trabalho altera sua essência original, tornando-se uma atividade intermediária que tem como objetivo primordial gerar valor para aqueles que detêm o capital.

Portanto, o trabalho modifica seu significado intrínseco, tornando-se meramente um meio para geração de mais-valia, caracterizada pela disparidade entre o salário pago e o valor efetivamente produzido pelo trabalho, de forma absoluta ou relativa (Marx, 2012).

Mais-valia absoluta a produzida pelo prolongamento do dia de trabalho, e de mais valia relativa a decorrente da contração do tempo de trabalho necessário e da correspondente alteração na relação quantitativa entre ambas as partes componentes do tempo de trabalho (Marx, 2012, p. 366).

Assim, o trabalho, em sua essência, surge como a necessidade de mediar a natureza para produzir em função da sobrevivência, das necessidades dos indivíduos, “orientado a um fim” (Marx, 2012). Na obra de Marglin (1980), também é possível observar esse preceito, quando relembrado o trabalho dos artesãos. Esses trabalhadores iniciais,

antes de serem transportados para o ambiente fabril e serem regidos pela figura dos “patrões”, também trabalhavam em suas casas como meio de sobrevivência.

Mais do que isso, pode-se constatar que antes do capitalismo, o trabalhador manual, artesão, além de trabalhar com uma finalidade, detinha todo o controle do processo de trabalho, do controle do tempo e matéria-prima ao próprio entendimento sobre o objeto. No entanto, o processo de trabalho passa a adquirir novas características e ganha outro sentido dentro de um novo sistema econômico.

Marglin (1980), Marx (2012), Franco e Ferraz (2019) e Zamora, Augustin e Souza (2021), demonstram que, por mais que o trabalho, tivesse, no passado, a função de produzir aquilo que era essencial ao trabalhador, ressaltando apenas a utilidade do mesmo e representando a sobrevivência do indivíduo, a partir dos preceitos capitalistas, o trabalho é visto principalmente como um meio para a acumulação de capital. A reflexão sobre o trabalho alienante é importante nesse contexto. Na medida em que o trabalhador se transforma em um mero vendedor de sua força de trabalho, a natureza repetitiva e fragmentada de suas atividades, faz com que ele perca a compreensão do contexto mais amplo de seu trabalho. Nesse cenário, as ações tornam-se monótonas e o trabalho deixa de ser uma atividade que contribui para um fim e passa a ser uma tarefa isolada, desprovida de sentido.

Assim, Antunes (2009) argumenta que a reestruturação produtiva pela qual a sociedade contemporânea passou, agiu como uma resposta ao sistema econômico em vigor naquela época. Essa reestruturação continua a influenciar a sociedade, refletindo as atuais mudanças econômicas, e é baseada na flexibilização, que requer ajustes nos processos e mercados de trabalho, nos produtos e nos modelos de consumo, a fim de atender às demandas do mercado em constante mudança, e na desregulamentação, que envolve a redução de restrições e regulamentações relacionadas ao trabalho e às atividades econômicas. Frente a isso, torna-se fundamental compreender como tais transformações têm operado.

Transformações contemporâneas no mundo do trabalho

A globalização, aliada à crise econômica mundial e ao neoliberalismo, tem transformado o cenário laboral, reconfigurando as relações de trabalho e os métodos de contratação e controle. As repercussões dessas mudanças são intensamente sentidas e fomentadas nas sociedades capitalistas, sendo que uma das tendências mais evidentes é a crescente precarização do trabalho.

Antes de tudo, a globalização é entendida como um fenômeno complexo e multifacetado que tem sido predominantemente moldado pelo modelo capitalista nas últimas décadas e impulsionado por uma série de eventos e tendências, como a crise do petróleo em 1973, a queda do Muro de Berlim em 1989, o avanço das formas de informação e comunicação, as políticas neoliberais, a atuação da Organização Mundial do Comércio e a formação do G8, entre outros (Castro; Rodrigo; Pineda, 2016).

A globalização, conforme descrita por Andonegui (2000), é frequentemente reduzida à sua dimensão econômica pelo modelo capitalista. No entanto, o discurso econômico globalizador também impõe uma visão homogênea que silencia alternativas e anula outras perspectivas que possam ser contrárias aos interesses do capital internacional. Assim, é caracterizada não apenas por ser uma interconexão econômica global, mas também por se constituir como um conjunto de relações de poder e dominação que surgem desse processo, onde as instituições transnacionais desempenham um papel significativo na promoção de uma narrativa globalizadora (Andonegui, 2000).

Conforme Hirata (2011, p. 15), a crise econômica mundial, outro germe da precarização do trabalho contemporâneo, tem afetado “desigualmente, desde o fim de 2008, os diferentes países que constituem o sistema econômico mundial”. Esta crise se desdobra em quatro dimensões: a crise dos mercados financeiros, a crise bancária, a crise econômica e a crise social. A crise econômica tem exacerbado o problema do desemprego e a crise social é particularmente relevante no contexto da precarização do trabalho, isto porque, “aprofundou as consequências negativas de uma série de fenômenos de cunho neoliberal” (Hirata, 2011, p. 15).

Quanto a isso, o surgimento do neoliberalismo, nos anos de 1990, representou uma resposta imediata às falhas e contradições internas do modelo econômico fordista.

ta. Este último, que já na segunda metade do século XX, revelou-se incapaz de resolver suas próprias inconsistências, desencadeando uma crise nos sistemas estatais de regulação do capitalismo, que até então se apoiavam no Estado de Bem-Estar social e nas políticas keynesianas. Assim, era necessário aumentar a flexibilidade do mercado, o que por sua vez implicava em tornar a classe trabalhadora também mais flexível.

Nesse sentido, entre 1970 e 1980, estabeleceu-se um período de “reestruturação econômica e de ‘(re)ajustes’ sociais e políticos, no intuito de manter a ordem capitalista por meio do estabelecimento de uma nova forma de regulamentação” que estivesse de acordo com as necessidades que agora estavam postas pelo sistema capitalista (Lagoa, 2019, p. 4). É dentro desse contexto que o neoliberalismo surge, oferecendo um arca-bouço teórico e político capaz de legitimar essa nova era e passa então “a orientar as decisões governamentais em grande parte do mundo capitalista, ao mesmo tempo em que inúmeros governos neoliberais são eleitos pelo voto”, sob um discurso que “atrela a necessidade irrefutável das reformas neoliberais com a garantia de estabilidade monetária, política e democrática” (Lagoa, 2019, p. 5).

No Brasil, as reformas neoliberais começaram a ser consolidadas com o governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992), e continuaram com os governos de Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. Medidas como a “intensificação da circulação financeira, a desobstrução ao mercado internacional, uma marcante desvalorização cambial, intensivo processo de privatização e medidas voltadas à estabilização monetária (tendo expressão no Plano Real)” foram implementadas visando “à inserção econômica do país no contexto da nova ordem: a mundialização do capital financeiro” (Ferrer, 2006, p. 213). Esse cenário macroeconômico marcado por “recessão ou baixo crescimento da economia num contexto de intensa reestruturação industrial, juros elevados e abertura comercial” (Alves, 2009, p. 190), criou um ambiente de declínio do mercado de trabalho, com altas taxas de desemprego nas áreas metropolitanas e enfraquecimento dos acordos salariais.

Nesse contexto, observa-se que com a reestruturação produtiva do capital, e da ampliação dessa perspectiva neoliberal, surgem outras formas de organização do trabalho: subcontratações, salários flexíveis, trabalho parcial, entre outros. Mudanças que, nesse caso, acabam resultando na ampliação da precarização do trabalho, contribuindo assim, para o aumento da informalidade e da terceirização (Alves, 2009; Hirata, 2011; Zamora; Augustin; Souza, 2021).

Em virtude dessa crescente mundialização do capital, Antunes (2009) aponta para uma de suas principais consequências, a divisão sexual do trabalho. Sobre isso, Hirata (2011) disserta sobre como as mudanças advindas da globalização e do neoliberalismo no mundo do trabalho, alteraram a forma como as mulheres integram o setor produtivo. O trabalho feminino sempre foi fundamental para a manutenção do sistema capitalista através do trabalho doméstico invisível. Contudo, a partir dos anos 90 há um aumento do emprego de mulheres que é acompanhado simultaneamente “do emprego vulnerável e precário” (Hirata, 2011, p. 17). Essa precariedade, marcada pela vulnerabilidade e pela fragilidade dos empregos disponíveis para as mulheres, através da economia informal que inclui empregos parciais, mal remunerados e regulamentados, reflete essa dinâmica do gênero na globalização.

A crescente precarização redefiniu também a própria jornada de trabalho, tornando aceitável e até desejável estendê-la além do horário regular. A insegurança vivida pelos trabalhadores, inclusive aqueles com aparente estabilidade, se reflete em horas extras, trabalho realizado fora do ambiente profissional, em casa, ou no tempo de deslocamento. Assim, o tempo de trabalho e a vida privada estão cada vez mais interligados (Hirata, 2011).

Além da necessidade de complementação de renda, tem-se observado como a cultura do management fortalece essas tendências no mercado de trabalho atual, baseando-se em três principais pilares, o “gerencialismo, a cultura do empreendedorismo e o culto da performance” (Ituassu; Tonelli, 2014, p. 88). Nessa cultura, o indivíduo se vê como parte da organização, em uma busca incessante pela autonomia e reconhecimento, além de enxergar a figura do empreendedor como heróica, tornando-se um objetivo a ser alcançado (Borges; Cappelle; Campos, 2019).

Em âmbitos mais específicos, a cultura do management se constrói através de um discurso não trivial, que inclui uma forte crença no livre mercado, no autoempreendedorismo, no esforço e excelência como forma de ascender profissionalmente, como também no uso de “palavras de efeito” (Borges; Cappelle; Campos, 2019).

Com a emergência do maquinário informacional digital, busca-se agora uma “inovação para a extração de maior excedente de trabalho” (Rosa et al., 2021b, p. 339). Para Antunes (2018, p. 43) existe uma “nova morfologia da classe trabalhadora; dela sobressai o papel crescente do novo proletariado de serviços da era digital”. Isso se manifesta na expansão dos trabalhos vistos como imateriais, do chamado “trabalho morto

consustanciado no maquinário digital (vide a internet e os aplicativos) e pela intensificação e variação da força de trabalho superexplorada" (Rosa et al., 2021b, p. 340).

A venda do trabalho através das plataformas digitais e aplicativos surgiu nesse contexto e deu início à "uberização", onde trabalhadores autônomos, sem vínculo empregatício, arcam com custos e riscos próprios. Essa nova realidade revela incertezas contínuas para os trabalhadores, enquanto as plataformas prosperam. Diante disso, torna-se essencial aprofundar o entendimento sobre a uberização como uma nova e tácita forma de exploração do trabalho.

Uberização do trabalho: uma nova forma de exploração

Segundo Silva et al. (2022), o avanço tecnológico e sua implementação nas práticas laborais deveriam ser encarados como um potencial aliado, promovendo melhorias em prol da qualidade de vida dos trabalhadores. No entanto, a inserção da tecnologia nesse contexto acabou por intensificar o processo de exploração e precarização do trabalho. Assim, pode-se dizer que as recentes relações de trabalho passaram a ser caracterizadas por "um modo particular de acumulação capitalista, ao produzir uma nova forma de mediação da subsunção do trabalhador" (Franco; Ferraz, 2019, p.1).

Essa evolução, por sua vez, tem impulsionado o surgimento e o crescimento de fenômenos como a "uberização" que impõe algumas mudanças importantes para os trabalhadores, organizações e métodos de gestão. O termo, cabe dizer, faz referência ao pioneirismo da empresa Uber por seu modelo de organização do trabalho que implica em um controle diferente sobre os trabalhadores, exercido sob o ideal de autonomia e liberdade. Esse fenômeno aumenta a lucratividade das empresas de aplicativos e plataformas digitais devido à ausência de responsabilidade legal trabalhista e à redução de custos com ferramentas de trabalho, que são de propriedade dos prestadores de serviço (Abílio, 2020; Franco; Ferraz, 2019; Greggo et al., 2022; Rosa et al., 2021).

Assim, "[...] o trabalhador uberizado inicia sua jornada sem ter qualquer garantia sobre qual será sua carga de trabalho, sua remuneração e o tempo de trabalho necessário para obtê-la" (Abílio, 2020, p. 116). Muitas vezes, esses trabalhadores são mal remunerados, o que intensifica sua jornada de trabalho, já que, desprotegidos pelas

leis trabalhistas, não estão sujeitos à máxima de 44 horas semanais estabelecida pela Constituição Federal.

Tudo isso é legitimado pela ilusão do empreendedorismo, que acaba criando uma falsa ideia de “empreendedores” por parte dos trabalhadores (Greggo *et al.*, 2022). Onde, passam a atrair novos trabalhadores por meio de discursos que “reforçam valores sociais voltados às características usualmente atribuídas a empreendedores, como ausência de chefe, liberdade de horário, ganhos progressivos [...]” (Franco; Ferraz, 2019, p. 852).

Compreende-se, portanto, que os trabalhadores no fenômeno da uberização:

Além de não possuírem qualquer suporte ou vínculo que garanta acesso a direitos trabalhistas, trabalhadores e trabalhadoras ‘uberizados’ assumem todos os riscos e custos de sua atividade profissional e acabam reféns de uma remuneração variável por demanda. Horas de espera por uma corrida não são pagas e, dessa forma, os motoristas se tornam trabalhadores “*just-in-time*” (Greggo *et al.*, p. 94, 2022).

Nessa panorama, a transição para a uberização representa uma mudança fundamental na estrutura do trabalho, onde o tradicional “salário por peça” dá lugar ao “salário por corrida” (Marx, 2012). Os motoristas de aplicativo não recebem mais compensação com base na produção de peças, como comum em algumas indústrias, mas são remunerados por cada serviço prestado, seja uma viagem de carro, uma entrega ou outra solicitação feita pelos usuários da plataforma. Essa mudança reflete não apenas uma evolução nas práticas de remuneração, mas também a adaptação às novas dinâmicas de economia digital e sob demanda.

Diante disso, Rosa *et al.* (2021) demonstra em sua pesquisa que as empresas de aplicativos também exercem um controle significativo sobre as atividades dos motoristas, monitorando seu desempenho por meio de métricas como taxas de avaliação e aceitação de corridas, o que gera uma sensação de constante vigilância. Nesta realidade, a vigilância do trabalho ocorre por meio de programações algorítmicas. Essa vigilância algorítmica visa maximizar lucros à custa do bem-estar dos trabalhadores, evidenciando a precariedade das condições de trabalho desse modelo.

Além disso, Antunes (2018) aponta que o controle sobre os trabalhadores vai além da extração de mais-valia, intensificando a dominação e tornando-os incapazes de recu-

sar entregas por medo de represálias e desligamento da plataforma. Para manter uma nota mínima, o trabalhador é constantemente avaliado pelo aplicativo, destacando a gestão gerencialista, onde a avaliação serve principalmente ao controle da empresa, não dos clientes (Franco; Ferraz, 2019; Carelli, 2017).

Para Franco e Ferraz (2019), na uberização do trabalho, um elemento crucial é a partilha dos meios de produção entre o capitalista e o trabalhador. O capitalista investe em meios de produção digitais, incluindo capital fixo (máquinas e equipamentos duráveis) e capital circulante (matérias-primas não duráveis, que requerem reposição).

Em contrapartida, o trabalhador deve ingressar na relação laboral já munido dos meios de produção necessários para desempenhar suas atividades fora do ambiente digital. Dessa forma, a mudança reside na eliminação da obrigação de investir antecipadamente capital monetário para estabelecer o processo produtivo. Isso implica que o capitalista não apenas obtém o novo capital monetário proveniente da venda da mercadoria e da extração da mais-valia, mas também o capital inicial, resultando em um efetivo movimento de acumulação capitalista.

Mediante tais considerações, observa-se que as condições de trabalho na uberização se consubstancia precariamente, e nesse caso, aponta-se para as possíveis consequências físicas e mentais, na medida em que a pressão por produtividade acaba por ser constante, além da instabilidade financeira intrínseca a esse modo de trabalho. Os fatores psicossociais, além disso, como intensificação do trabalho, controle, autonomia, relações interpessoais, apoio social, carga emocional e insegurança no emprego, também afetam significativamente esses trabalhadores (Oliveira; Monteiro, 2021).

Além disso, ao examinar o impacto da uberização, a compreensão será aprofundada por meio de uma análise filmica. Será explorado como o filme aborda os desafios da uberização, oferecendo uma perspectiva visual e narrativa que complementam a presente discussão.

Análise filmica

Nos seus escritos, Canudo (1995) argumenta que o cinema é uma linguagem universal que pode retratar tanto o mundo exterior quanto o mundo interior e por isso tem uma capacidade grande de emocionar (Penafria, 2009). Para Morin (1956) o cinema

proporciona uma representação visual da realidade que muitas vezes é experimentada como mais vívida do que a própria realidade “graças à técnica fotográfica da reprodução do movimento”. É, “portanto, o lugar ideal de confusão e de apreensão do real e do imaginário” (Aumont; Marie, 2003. p. 19). Ao criar essa representação visual intensa da realidade, o cinema é capaz de retratar certas complexidades e contradições da vida social de maneira mais vívida e por isso pode servir como uma lente para enxergar aspectos importantes da própria realidade social.

A análise de filmes, como método, implica, geralmente, em duas principais etapas: a decomposição do filme e a interpretação dessas partes. A análise de um filme pode começar com uma definição mais ou menos clara de seus objetivos, pois isso irá influenciar diretamente a abordagem adotada. Ora, a análise requer uma observação meticulosa, dedicando atenção aos detalhes que abrangem os cenários, os diálogos, os gestos dos atores e outros elementos cinematográficos relevantes. Para aprofundá-la, no entanto, é importante concentrar-se em planos específicos do filme. Nesse caso, o foco será direcionado às cenas-chave, interessantes para compreender a singularidade, especificidade e a relação com os conceitos discutidos anteriormente (Aumont, 1999; Penafria, 2009).

Conforme Aumont e Marie (2003), por uma extensão de sentido, a palavra “cena” passou a ter um novo significado ao designar um segmento de ação dramática, ou seja, uma parte coesa da narrativa. Consideremos aqui a cena como o ponto crucial do filme, em que a continuidade dramática acontece, e que permite uma melhor representação da realidade. Assim, decompomos o filme em onze cenas-chave que destacam momentos importantes para a compreensão geral do filme e a discussão dos temas.

Quadro 1

Cenas-chave analisadas do filme “Sorry We Missed You”

Cena-chave	Minutagem	Descrição
Cena 1	0:40 a 2:55	Rick, em uma conversa com seu “empregador”, enfatiza que está cansado de ter sempre alguém enchendo seu saco e por isso prefere ser seu próprio chefe. Além disso, é questionado se recebeu seguro-desemprego em outras funções, mas afirma que felizmente não e preferiu passar fome a não ferir o seu orgulho, o que agrada o recrutador. Em seguida, são feitas afirmações para Rick, onde ele: “não é contratado, mas vem a bordo”; “não trabalha para nós, trabalha conosco”; “não dirige para nós, realiza serviços”. Assim, não existe contrato de emprego, metas de desempenho e nem salários, mas honorários, sem bater ponto, mas ficando disponível, tornando-se um motorista franqueado.
Cena 2	5:1 a 7:05	Abbie e Rick discutem sobre a compra da van. Abbie sugere que Rick use uma van da empresa para evitar riscos, mas ele argumenta que comprando a própria van pode ganhar mais. Ela questiona o tempo de trabalho necessário, 14 horas por dia, 6 dias por semana. Eles consideram vender o carro para comprar a van, mas Abbie resiste, pois precisa do carro para visitar seus clientes. Rick acha que ela poderia pegar o ônibus e ainda fazer o almoço e cuidar das crianças.
Cena 3	8:30 a 12:51	O aparelho de monitoramento das rotas passa a ser responsabilidade de Rick. É realizada a explicação de como devem funcionar as entregas que são rastreadas e que devem ser entregues no horário estipulado. O aparelho gerencia cada movimento fora das rotas e os horários estipulados de até 1h para cada entrega. Retrata o início do trabalho, com a realidade se mostrando mais complexa do que na teoria.
Cena 4	25:20 a 28:28	Surge um confronto entre um dos entregadores e o superior. O entregador comunica um contratempo envolvendo o veículo de entregas e solicita um intervalo de 2 horas para realizar os reparos necessários. O chefe recusa e exige que ele encontre um substituto. A frustração do entregador aumenta, resultando em um confronto. Enquanto isso, Rick é pressionado a substituir o entregador, enfrentando uma rotina mais desafiadora.

Fonte: elaboração própria, 2024.

A partir da cena 1, é possível observar os princípios do fenômeno da uberização. A ênfase de Rick em querer ser seu próprio chefe e evitar a constante supervisão de um empregador reflete a busca por maior autonomia e flexibilidade, que são características fundamentais da uberização apoiadas na cultura do management (Abílio, 2020; Rosa et al., 2021). Assim, ao preferir ser um prestador de serviços independente, ele busca ter controle sobre seus horários e suas condições de trabalho.

Outro aspecto que chama a atenção, trata-se da recusa de Rick em aceitar receber o seguro-desemprego em funções anteriores, mesmo que isso signifique passar por dificuldades financeiras, evidenciando assim, uma desvalorização do trabalho assalariado tradicional, uma vez que, ele prefere priorizar o seu orgulho. Esse comportamento está alinhado com discursos liberais que valorizam o livre mercado e evitam a intervenção estatal. (Bresser-Pereira, 2020). Logo, nesse viés, necessitar do seguro-desemprego pode ser uma forma de desencorajar o indivíduo a procurar uma nova ocupação, bem como aumentar custos aos empregadores.

Em consonância, são fortemente evidenciados os discursos “empreendedores” por trás dessa nova modalidade de trabalho, onde o trabalhador é chamado de “colaborador” ou, como explicitamente mostrado no filme, é dito “não trabalha para nós, trabalhe conosco”. A cultura do *management*, então, é manifestada por um discurso que exalta valores como o autoempreendedorismo e o esforço individual. Esse discurso também destaca a estratégia empreendedora da uberização, que, segundo Franco e Ferraz (2019), visa modificar a relação entre empregador e empregado, promovendo uma dinâmica aparentemente mais horizontal que se torna mais atrativa para os trabalhadores. Logo, são incentivados a verem-se como empreendedores individuais que investem em seus próprios meios de produção (como seus veículos) e assumem riscos financeiros em troca de uma parcela dos lucros gerados, conforme apontado na segunda cena-chave.

Na cena 2, Rick e Abbie discutem justamente acerca da necessidade que a uberização impõe sob os trabalhadores de arcarem com os próprios meios de trabalho, onde “assumem todos os riscos e custos de sua atividade” (Greggo et al, 2022, p.22). Essa cena também reforça a mentalidade empreendedora incentivada pela economia de plataforma, na qual os trabalhadores optam por assumir riscos em busca de melhores recompensas financeiras (Franco; Ferraz, 2019), bem como despreza qualquer possibilidade de escolha por uma opção mais estável, como pegar a van concedida pela

empresa. Além disso, destaca-se também a carga horária extensa que seria necessária para que Rick alcançasse bom desempenho, o que causa preocupação em sua esposa, destacando a falta de equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal do indivíduo, colocando-as como secundárias, o que, novamente, reafirma o culto empreendedor que contribui para o sequestro de sua subjetividade (Borges; Cappelle; Campos, 2019).

Em paralelo, a ausência de condições adequadas de trabalho pode desencadear transtornos psíquicos, que afetam a saúde física e mental dos trabalhadores, sendo a sobrecarga de trabalho e intensa jornada um dos principais fatores de adoecimento (Pereira; Scatolin, 2020), sendo essas condições claramente expostas nas cenas contemporâneas do filme.

Conforme evidenciado no terceiro tópico do presente trabalho, o processo de reestruturação produtiva ocasionou a divisão sexual do trabalho que é evidenciada no artigo de Hirato (2011), onde apresenta que, apesar do mercado de trabalho ter dado mais abertura para as mulheres, ainda assim não são elas que ocupam os melhores cargos e têm os melhores salários. Embora o número de mulheres empregadas tenha aumentado, isso tem ocorrido, principalmente, em espaços precarizados, como é revelado na mesma discussão entre as personagens na cena 2.

Além disso, Hirato (2011) retrata que as mulheres enfrentam ainda duplas jornadas de trabalho, realizando tanto o trabalho doméstico, reprodutivo, não remunerado quanto o trabalho produtivo no espaço público. Tal aspecto é representado pela forma como Abbie retrata sua realidade, pois ela não quer vender o carro para comprar a van porque necessita dele tanto para suas atividades profissionais, como para facilitar a rotina doméstica. Todavia, Rick parece não reconhecer o valor do trabalho não remunerado de sua esposa, sugerindo que ela poderia facilmente se adaptar sem o carro, assim é evidenciado a desvalorização do trabalho doméstico.

Na sequência, a cena seguinte (cena 3) faz referência ao monitoramento constante da uberização. Segundo Scapini (2020), a figura do chefe era tida como forma de exercer o controle aos trabalhadores, entretanto, com o advento da tecnologia da informação, essa função passou a ser exercida pelo algoritmo. Assim, o fato de Rick assumir a responsabilidade pelo aparelho de monitoramento das rotas ilustra como os trabalhadores são constantemente vigiados, sendo obrigados a se submeterem à pressão pela eficiência e maximização do tempo, visto que possuem horários crono-

metrados para realizar as entregas. Isso também se relaciona com a cena 6 onde Liza, filha do casal, questiona quem estaria por trás dos algoritmos.

Mediante tal questionamento, no contexto da obra de Kalil (2019), os algoritmos assumem o papel de instrumentos fundamentais das plataformas digitais, as quais, por sua vez, se constituem como a base do capitalismo contemporâneo. Assim, os que detém tais plataformas, influenciam no controle dos setores econômicos. Logo, pode-se dizer que o controle das plataformas digitais reside na classe capitalista, detentora dos meios de produção e dos mecanismos de exploração do trabalho hodiernamente.

Ainda sobre isso, o gerenciamento por meio dos algoritmos são capazes de determinar o ranqueamento dos motoristas através das taxas de avaliação (Rosa et al 2021; Scapini, 2020), o que faz com que os trabalhadores sejam totalmente reféns de indicadores. Semelhantemente, Rick menciona (cena 3) que com o dispositivo de monitoramento, o cliente sempre sabe onde ele está e o aparelho sinaliza quando ele está fora do veículo de trabalho. Essa forma de controle faz com que o trabalhador se sinta sempre vigiado, estimulando uma padronização em seus comportamentos.

Assim, para Franco e Ferraz (2019, p. 854):

A subsunção virtual do trabalho ao capital indica que o trabalhador está subordinado na relação de trabalho sob os moldes da uberização, ainda que a aparência imediata seja de autonomia e liberdade sobre a forma produtiva. A determinação sobre como executar o trabalho, sobre os padrões e as metas produtivas se centra na empresa detentora da plataforma de intermediação, enquanto o trabalhador, em vez de submetido diretamente a um contrato de trabalho formal, submete-se às imposições estabelecidas sob o risco de desligamento da ocupação.

Portanto, a empresa é quem detém total controle sobre como o trabalho deve ser realizado. Ela define as regras (cena 3, cena 8), os padrões de qualidade e as metas de produtividade que os trabalhadores devem seguir (cena 3). Assim, na prática, os mesmos não possuem autonomia, diferentemente do discurso enraizado. Ademais, conforme apontado, as metas definidas pela empresa podem ser extremamente altas, o que necessita de maior esforço dos trabalhadores (Franco; Ferraz, 2019).

Dante disso, a cena 4 expressa um cenário que confirma tais indicadores. Uma vez que, o entregador enfrenta um problema com seu veículo de entrega. No entanto, nenhum suporte é oferecido pela empresa, o que deposita toda a responsabilidade sob

o trabalhador e reforça o processo de individualização. Ora, mais uma vez, se demoram preocupados não com a segurança dos indivíduos, mas com a produtividade e lucratividade.

As cenas-chave até agora analisadas, bem como as seguintes, retratam fielmente o contexto no qual o fenômeno da uberização se insere: de informalidade e de precarização. De acordo com Alves (2009), o movimento da precarização do trabalho nada mais é do que colocar o trabalhador em uma posição onde ele enfrenta insegurança de direitos, de representação, de contrato e, o mais temido, de emprego. Sendo essa última insegurança, um forte motor que impulsiona a precarização, pois o indivíduo muitas vezes, por conta desse medo do desemprego, acaba se submetendo a condições precarizadas de trabalho, bem como ao trabalho informal, assim como relatado por Abbie, na cena 5.

Diante disso, é possível observar que o endividamento familiar foi um dos principais fatores motivantes para que Rick se sujeitasse a empregos instáveis, pois a falta de emprego não era viável. No âmbito da precarização do trabalho, que se manifesta fortemente na informalidade, os trabalhadores se veem forçados a sempre recomeçar e recomeçar, muitas vezes encontrando espaços apenas em trabalhos marginalizados e informais como alternativa. No mais, dentro do que Alves (2009) descreve como metabolismo social da precarização do trabalho, a figura do trabalhador estável e seguro torna-se rara. Em virtude disso, é ressaltado o trabalho precário de Abbie, que, ao ser questionada sobre as tradicionais 8h de trabalho, revela estar submetida a uma jornada exaustiva das 7h30 às 21h, provocando um cansaço não apenas físico mas também mental (cena 5).

Em um contexto de crescente concorrência e precarização do trabalho, os trabalhadores, nesse caso os uberizados, se veem forçados a aceitar condições de trabalho exaustivas para garantir sua sobrevivência (Abilio, 2019). Na cena 7, é delineado um retrato inicial do sofrimento psicológico desse processo. Isto é, das “consequências da intensificação do trabalho, do trabalho precário induzido pela subcontratação e pelas formas ditas ‘atípicas’ de trabalho (tempo parcial, trabalho temporário, etc.)” que “pode ser verificada nos últimos anos” (Hirata, 2011, p. 18). Mesmo para Abbie, que parece encontrar satisfação em sua ocupação, encontramos a evidência desse sofrimento psíquico, resultado da interminável jornada de trabalho à qual se submete.

Ainda na cena 7, vemos como essas questões na medida em que afetam os indiví-

duos isoladamente, permeiam também as relações interpessoais. Isto porque, “a precarização do trabalho e precarização familiar são indissociáveis” tal como é destacado no filme (Hirata, 2011, p. 16). Na cena, Abbie e Rick estão deitados em sua cama, compartilhando suas angústias sobre a rotina exaustiva que enfrentam. Eles conversam sobre a falta de controle sobre seu próprio tempo de vida e o quanto desafiador tem sido se dedicar a algo além do trabalho.

Isso porque, esses indivíduos são atraídos por uma narrativa de empreendedorismo que está vinculada às dificuldades impostas pelo capitalismo. Enxergam na uberização uma chance de alcançar realização profissional por meio da promessa de autogestão no trabalho. No entanto, essa realidade se mostra muito mais difícil e distante da utopia inicialmente concebida. Tal contraste também é evidenciado na cena 8, quando o superior de Rick o repreende por ter levado sua filha consigo em um dia de trabalho, mesmo que a van fosse de sua propriedade, o seguro estivesse em seu nome e teoricamente ele fosse o dono do próprio negócio.

No limite, o capitalismo contemporâneo reflete a mesma percepção de conflitos demonstrada na cena 9. Max Weber, observa isso como uma das consequências de uma sociedade cada vez mais burocratizada e dominada pela impessoalidade, fatores que, hoje em dia, são impulsionados pelo discurso neoliberal. Essa percepção dos conflitos passa pela valorização de símbolos de prestígio, pela redução dos conflitos ao nível individual, ou seja, transferindo o coletivo para o indivíduo, pela psicologização deles e pela convicção de que cada indivíduo é intrinsecamente capaz de se adaptar às condições impostas pela realidade (Tragtenberg, 2006).

Na cena, fica claro um aspecto da individualização, que incentiva os trabalhadores a adotarem uma mentalidade menos coletiva, onde cada indivíduo se sente compelido a lutar por si mesmo em um ambiente de competição, resultando na perda gradual do senso de coletividade. Esse fenômeno também se evidencia na ascensão da uberização, que alguns associam à economia compartilhada, embora seja considerada aqui como algo distinto. A uberização não se trata apenas de compartilhar objetos, espaços ou serviços, mas sim da venda direta da força de trabalho, mesmo que essa relação econômica não seja imediatamente explícita (Franco; Ferraz, 2019 p. 849).

Como mencionado, a promessa subjacente à uberização é a autonomia e a liberdade. Porém, na prática, esses ideais se mostram inatingíveis. A uberização introduz,

na verdade, novas formas de controle sobre os trabalhadores, porém, sem abandonar as antigas relações de poder, conforme o filme. Na cena 10, por exemplo, quando Rick precisa abandonar o trabalho para resolver um problema urgente com seu filho, seu superior reage com indignação, enfatizando os custos dessas interrupções e tentando impedi-lo de sair. Assim, a tão prometida autonomia é questionada mais uma vez.

Não somente esse novo fenômeno, mas o novo sistema de metabolismo societal moldado pelo capital, acarreta certa desumanização dos indivíduos. Mesmo diante de questões familiares delicadas e desafios de saúde física e mental, os trabalhadores são submetidos a uma pressão incessante para continuar desempenhando suas atividades laborais. Essa realidade é reproduzida, marcadamente, na cena 11 do filme, onde Rick é vítima de um assalto e agressão e mesmo diante de circunstâncias tão críticas, ele é obrigado a retornar ao trabalho, embora machucado. Dessa vez, não apenas para garantir sua própria subsistência, mas também para cobrir as multas, substituir os itens roubados que não estão segurados e ainda pagar pelos danos causados ao seu próprio equipamento de trabalho que também é sua propriedade, apenas na teoria.

A análise das cenas-chave do filme revela os complexos dilemas enfrentados pelos trabalhadores na era da uberização. Embora a quimera de autonomia e liberdade seja frequentemente destacada, a realidade é muito mais sombria, com os trabalhadores sujeitos a um controle rigoroso para produzir resultados, ao mesmo tempo que enfrentam a desumanização das suas próprias vidas. A precariedade, a intensificação da jornada, a desvalorização do trabalho assalariado tradicional e a flexibilização das leis trabalhistas surgem como temas centrais, evidenciando os desafios enfrentados por quem se encontra preso neste ciclo de exploração e incerteza.

Considerações finais

A partir dessas contribuições, é possível observar as nuances da análise do filme sob a perspectiva da uberização, podendo concluir que o retrato apresentado reflete as complexidades e desafios enfrentados pelos trabalhadores nesse novo modelo de economia de plataforma. A análise do filme “Sorry We Missed You”, permitiu evidenciar as interconexões entre flexibilização, precarização e uberização. A partir do qual, em con-

formidade com o referencial teórico, foi possível observar que a uberização do trabalho afeta não somente as condições econômicas dos trabalhadores, mas passa também a ter repercussões sociais e psicológicas.

Como discutido, o trabalho que inicialmente servia para garantir a sobrevivência do trabalhador, no capitalismo transforma-se em um meio de acumulação de capital. Assim, o trabalhador passa a vender sua força de trabalho, muitas vezes sem uma compreensão mais ampla de sua função, o que leva à perda do sentido de sua atividade laboral.

Nesse contexto, tornou-se essencial examinar o papel da globalização, que além de ser um fenômeno econômico, também manifesta-se como um discurso. Em conjunto com a crise econômica mundial e os preceitos do neoliberalismo, impulsionou uma tendência fortemente mundializada de crescente precarização do trabalho, marcada pela ampliação de subcontratações, flexibilização salarial, aumento do trabalho parcial, e, consequentemente, o crescimento da informalidade e da terceirização, os quais são devidamente demonstrados fazendo o uso da experiência de Rick e Abbie.

Esse cenário, que merece destaque, também tem redefinido a concepção de jornada de trabalho, trazendo à tona uma nova perspectiva sobre o tempo que se deve dedicar ao labor. A pressão para expandir as horas trabalhadas como meio de subsistência, a crescente influência do discurso empreendedor, e o tempo involuntário gasto no deslocamento até o trabalho, que muitas vezes invade o espaço doméstico, são fatores que, têm progressivamente diluído as fronteiras entre o tempo de trabalho e a vida privada. Essa fusão, como vimos, é ainda mais intensificada pela disseminação do discurso do management.

O exame das cenas-chave enuncia como a uberização do trabalho tem representando um novo meio de gestão e controle, sustentado pelo discurso do “empreendedor de si”. No caso de Rick, a busca por autonomia, apresentada como um benefício da uberização, revela-se como uma ilusão, uma vez que os trabalhadores são submetidos a uma série de exigências e controle por parte das empresas. A necessidade dos trabalhadores de arcarem com os próprios meios de trabalho, além dos riscos financeiros, revela a transferência de responsabilidades por parte das empresas, que buscam maximizar seus lucros enquanto minimizam seus custos.

O filme revela como a precarização do trabalho priva os trabalhadores uberizados de seu tempo pessoal e social, submetendo-os ao discurso empreendedor, aos algorit-

mos e a condições degradantes. Para Foucault (1996), o discurso é uma ferramenta que articula lutas sociais, políticas e ideológicas, refletindo e traduzindo conflitos e sistemas de dominação. O controle do discurso define a realidade, molda opiniões e influencia ações. Neste caso, mediante o filme analisado, têm-se como resultado, que esses trabalhadores podem acabar por sofrer um sequestro de sua própria subjetividade através do discurso reproduzido.

Assim, o longa retrata impactantemente a precarização do trabalho, a sobrecarga de horas e a constante vigilância, mostrando como os trabalhadores se tornam reféns de indicadores de desempenho e metas das empresas. Mais do que isso, o filme evidencia a fragilidade social que o fenômeno da uberização reflete na vida particular de cada indivíduo. Rick e Abbie enfrentam jornadas intensas, endividamento, exaustão e falta de tempo com a família, e seus filhos sofrem com a ausência dos pais.

Nesse diapasão é possível observar que a uberização, também relaciona-se com a mecanização do trabalho, por meio das rotinas repetitivas estabelecidas, com o tempo e horários monitorados, atividades pré-determinadas, ações padronizadas, dentre outros. Sendo assim, leva-se ao funcionamento mecânico dos trabalhadores, como mera peças de um maquinário. Diante disso, Rick, bem como os demais entregadores, são vistos apenas como “peças”, sendo limitados com a falta de comunicação e integração, boas condições de trabalho, alto nível de estresse, desgaste físico, e outras. Logo, tais trabalhadores são submetidos ao processo de alienação, tornando-se apenas força de trabalho, e assim, é reforçado a desumanização dos mesmos.

Portanto, a uberização do trabalho exprime o ápice da exploração, transcendendo a mera realização de tarefas através de aplicativos, precarizando a vida pessoal, profissional e social dos indivíduos. Torna-se crucial, então, refletir sobre a romantização subjacente ao discurso empreendedor, que promete autonomia ao trabalhador, enquanto, na realidade, o cerca em condições degradantes. Por fim, este fenômeno é uma das formas primárias de acumulação de capital, pois não apenas explora a força de trabalho do trabalhador, mas também o encarrega dos meios de produção, colocando toda a responsabilidade do processo produtivo em seus ombros.

Referências

ABÍLIO, L. *Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado*. *Psicoperspectivas*, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.

ABÍLIO, L. *Uberização: a era do trabalhador just-in-time?* *Estudos avançados*, v. 34, n.98, p. 111-126, 2020.

ALVES, G. *Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios de sociologia do trabalho*. Londrina: Praxis, 2007.

ALVES, G. *Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal: precarização do trabalho e redundância salarial*. *Revista Katálysis*, v. 12, p. 188-197, 2009.

ANDONEGUI, M. *La globalización como discurso y realidad*. *Aldea Mundo*, v. 5, n. 9, p. 20-27, 2000.

ANTUNES, R. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.

AUMONT, J.; MARIE, M. *L'analyse des films*. Paris: Nathan. Edited by Michel Marie (1988).

AVEDAÑO C.; WILLIAM R.; RAMÓN P. *Educação e globalização: uma visão crítica*. *Civilizar Ciencias Sociales y Humanas* 16.30 (2016): 191-206.

BRESSER-PEREIRA, L. C. *Phases of capitalist development. Chapter 1 of the book to be completed and published, Historical Forms of Capitalism*, 2020.

CANUDO, R. *Usine aux images (L')*. França: Séguier, 10 outubro 1995

CATSOULIS, J. Ken Loach: Championing the Strugglers and Stragglers, A retrospective of the director's work at Film Forum shows how his movies have kept a focus on working-class solidarity. *The New York Times*, Seção C , 20 de abril de 2024. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2024/04/19/movies/ken-loach-movies.html>>. Acesso em: 27 de julho de 2024.

FERRER, W. O Brasil na década de 90: o início do processo de inserção no mercado mundial. *Revista Estudos*, v. 10, n. 10, p. 207-232, 2006.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Edições Loyola, 1996.

FRANCO, D.; FERRAZ, D. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. *Cadernos EBAPE*. BR, v. 17, n. SPE, p. 844-856, 2019.

GREGGO, J. et al. Percepção de motoristas de Uber sobre condições de trabalho e saúde no contexto da Covid-19. *Saúde em Debate* [online]. v. 46, n. 132 pp. 93-106, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104202213206>>. Acesso em: 19 de abril de 2024.

HIRATA, H. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. *Caderno crh*, v. 24, p. 15-22, 2011.

KALIL, R. Capitalismo de plataforma e direito do trabalho: crowdwork e trabalho sob demanda por meio de aplicativos. São Paulo: USP, 2019. (Doutorado em Direito) - Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

LAGOA, M. I. A ofensiva neoliberal e o pensamento reacionário-conservador na política educacional brasileira. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 19, 2019.

LIMA, N. V. et al. A produção de saberes no trabalho: qual o valor dos saberes investidos. *Revista Pedagógica*, n. 31, 2013.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2013

MARGLIN, Stephan. Origem e funções do parcelamento das tarefas (para que servem os patrões?). In: GORZ, André. *Critica da divisão do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. Lisboa: Editorial “Avante”, 1946.

MARX, K. *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2013

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política. Livro I — O processo de produção do capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

OLIVEIRA, G.; MONTEIRO, T. *Uberização do trabalho e os efeitos na saúde mental do trabalhador*. In: CAOS - Congresso Acadêmico de Saberes em Psicologia, v. 6, 2021.

PENAFRIA, M. *Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s)*. VI Congresso Sopcom. Vol. 6, 2009.

PEREIRA, L. SCATOLIN, H. *Saúde Mental e Trabalho: Do sofrimento ao adoecimento psíquico nas organizações frente às tecnologias e formas de gestão*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 09, p. 139-152, 2020.

ROSA, K. L. et al. *Nova pandemia, antiga tragédia: um olhar para a exploração dos entregadores uberizados*. Princípios, v. 40, n. 162, p. 329 - 354, 2 set. 2021.

ROSA, K. L. et al. “*Quem trabalha tem que ganhar mais, não é quem fica sentado. O dono do aplicativo fica sentado, ganha mais, e não tem gasto com nada*”: um olhar à dinâmica da uberização no modo de produção capitalista. In: XLV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (Enanpad 2021), v. 45, 2021b.

SCAPINI, E. *Uberização: uma nova forma de controle e de subordinação*. Revista Contraponto, [S. l.], v. 7, n. 2, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/108812>. Acesso em: 27 de abril de 2024.

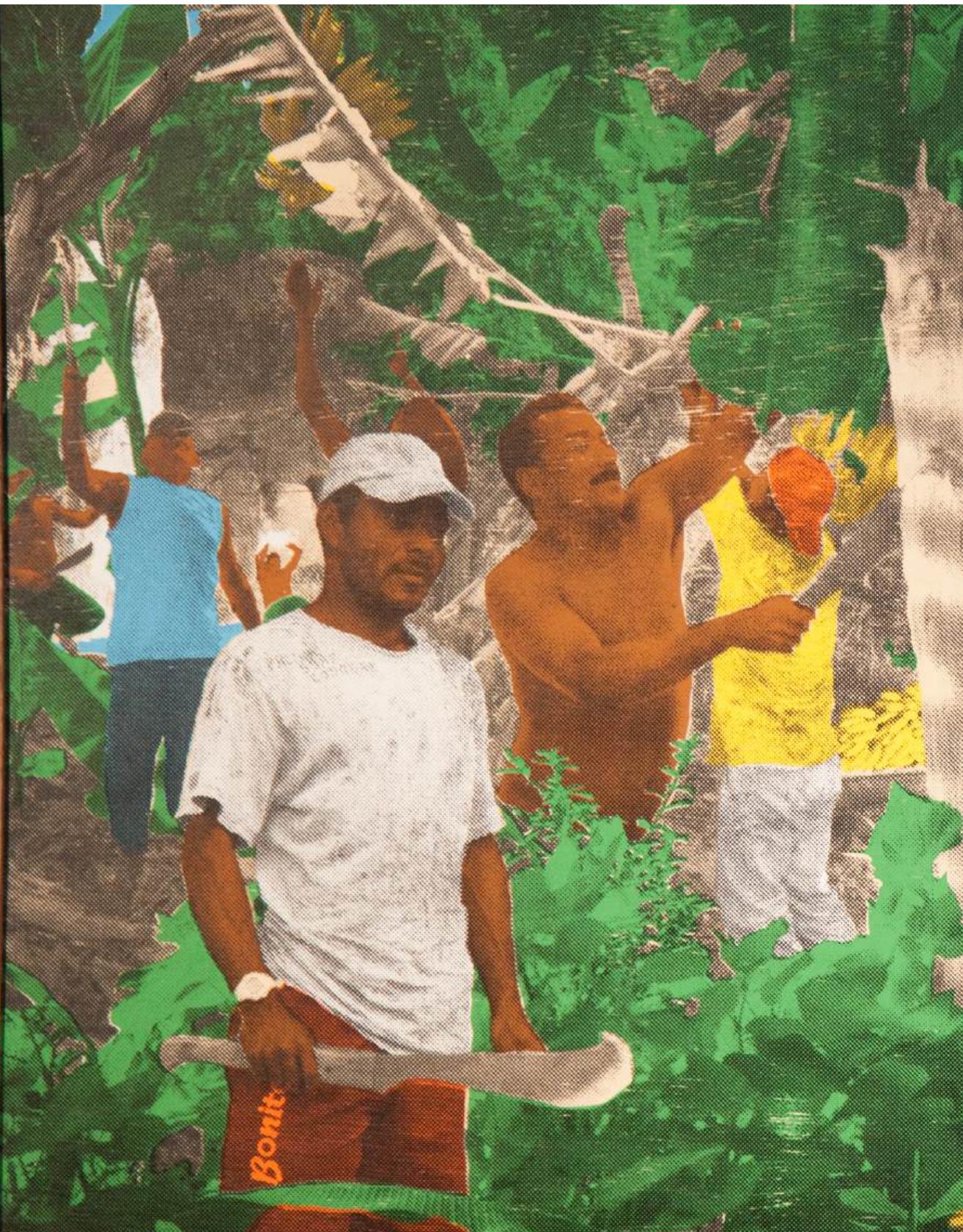
SILVA, J. et al. *Administração e relações de trabalho na contemporaneidade: uma tendência denominada uberização*. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, ano XIX, vol. 19, n. 33, p. 26-42, 2022.

TRAGTENBERG, M. *Burocracia e ideologia*. Editora Unesp, 2006.

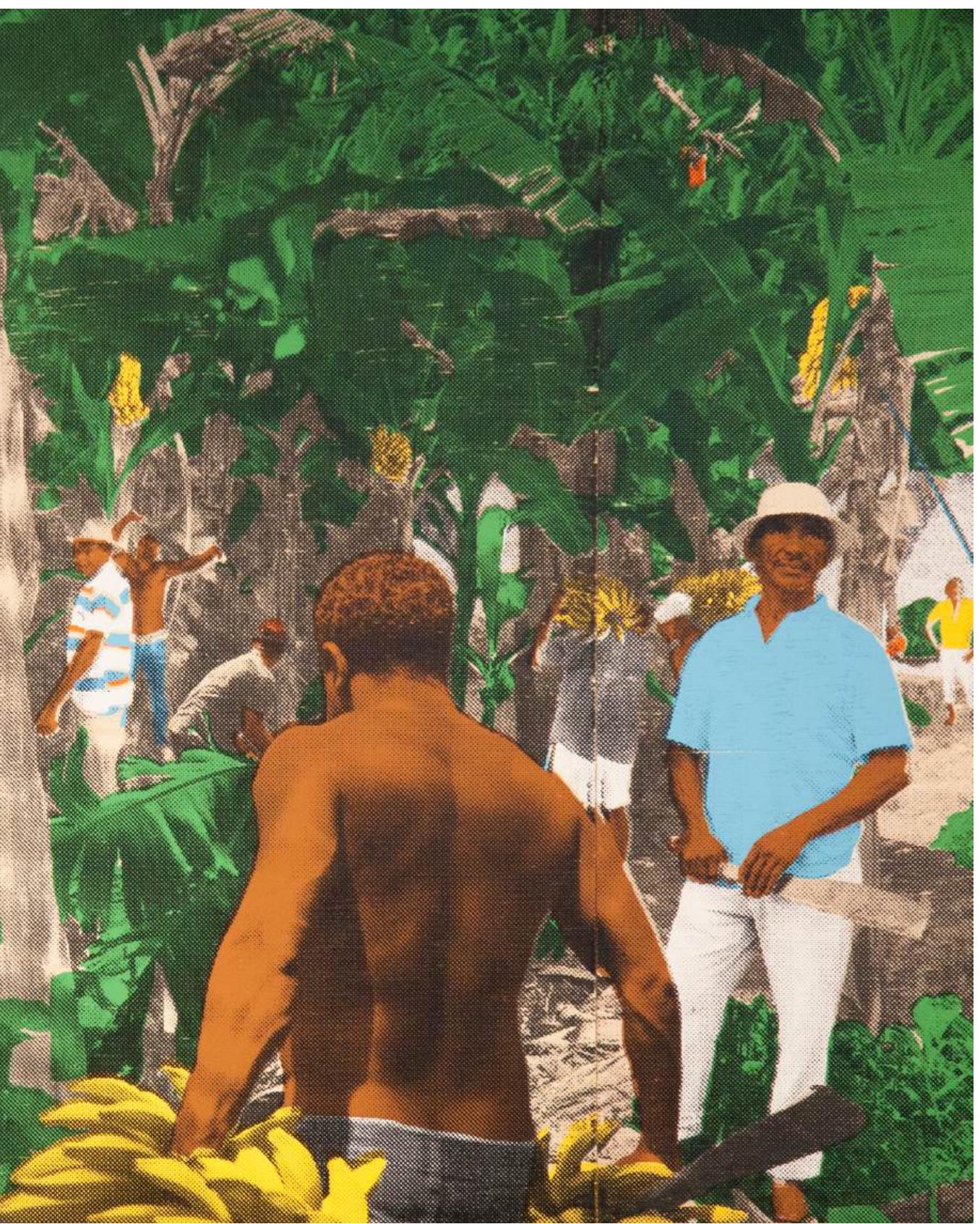


ZAMORA, M. A. M.; AUGUSTIN, A. C.; SOUZA, A. S. B. *A Uberização do Trabalho como Nova Articulação entre o Arcaico e o Moderno no Capitalismo Brasileiro*. Rev. Brasileira de Estudos Organizacionais, v. 8, n. 1, p. 55- 86, 2021. Disponível em: <https://rbeo.emnuvens.com.br/rbeo/article/view/388/pdf_1>. Acesso em: 11 de agosto de 2024.

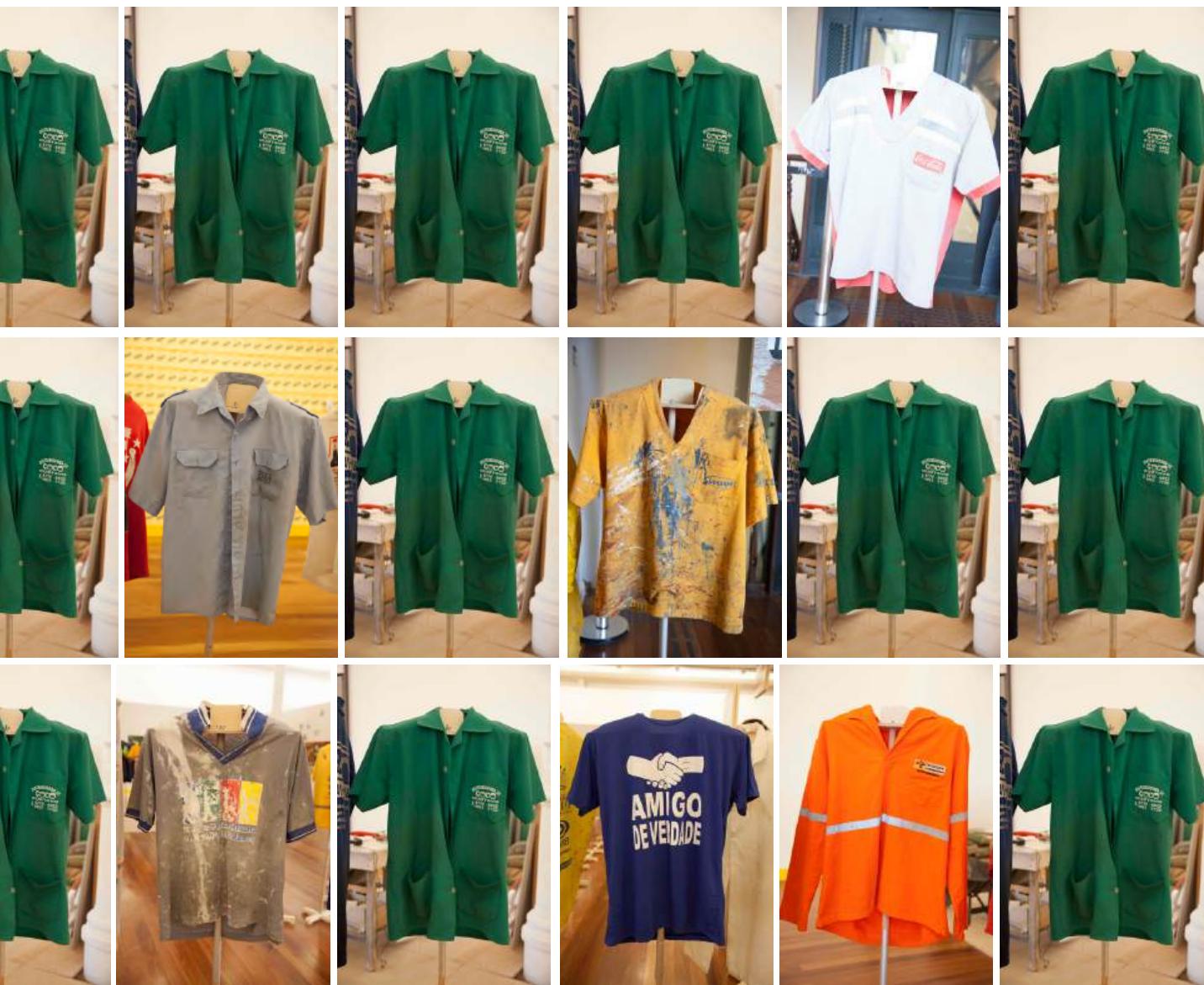




Jonathas de Andrade @ Alexander and Bonin - Nova York - EUA - 2015. Photos: Joerg Lohse







Trabalho

ISABELA PRADO*

O trabalho é um aspecto central da vida humana. É fonte de subsistência, e ao mesmo tempo de exploração; envolve relações pessoais e é como nos identificamos socialmente. O debate sobre o tema tem grande pertinência e atualidade, uma vez que vivemos em tempos de mudanças nas relações de trabalho, com o avanço de reformas que o precarizam e eliminam direitos. Ao mesmo tempo, a disseminação de tecnologias digitais traz novos desafios e novos contextos para o entendimento das condições de trabalho e das profissões.

Investigar esse tema, ao mesmo tempo complexo e atual, é o propósito deste número da Revista da UFMG. O ensaio visual apresentado aqui também se propõe a enfrentar esse desafio, contribuindo para a reflexão de forma poética. O artista escolhido para esta edição é Jonathas de Andrade, nascido em Maceió, Alagoas, e que vive em Recife, Pernambuco. Ele utiliza várias mídias, incluindo fotografia, vídeo e instalação. Seu trabalho explora temas de identidade, cultura, trabalho e questões sociais no Brasil, misturando narrativas pessoais e coletivas. Jonathas de Andrade usa uma combinação de abordagens documentais e ficcionais, criando obras que são ao mesmo tempo poéticas e críticas.

(Para ler esse texto completo, clique [aqui](#).)

* Artista visual e professora na Escola de Belas Artes da UFMG